MARIA DE NAZARÉ, MULHER OU DEUSA?: ensaio para uma mariologia feminista libertadora

Thaís Chianca Bessa Ribeiro do Valle [1]

Introdução

O sistema patriarcal reservou à mulher a condição de sujeição ao homem. A produção literária religiosa, reflexo da sociedade, omitiu a ação de mulheres, e centralizou o masculino na história da salvação. Tradicionalmente, a Mariologia se desenvolveu exaltando-se a figura maternal, virginal, e submissa de Maria, conforme as exigências masculinas.

Sem pretensões de exaurir o tema, o presente estudo objetiva analisar o feminino em Maria, como expressão das mulheres de seu tempo e dos tempos atuais, desenvolvendo-se uma conscientização libertadora da mulher.

No primeiro capítulo, tem-se breve análise do contexto social em que Maria estava inserida. No segundo capítulo, um estudo das ações que a tornavam uma mulher à frente de seu tempo. Por fim, no terceiro capítulo, uma análise do divino cultuado na Rainha dos Céus.

A mulher no tempo de Maria

Maria viveu em uma sociedade onde as mulheres eram tidas como as causadoras do pecado no mundo. Como consequência do pecado de Eva, Deus teria estabelecido o poderio do homem sobre a mulher[2], e a impureza da natureza feminina. Em uma sociedade baseada em leis religiosas, Abraão, responsável pela restauração da humanidade[3], não tinha herdeiras[4]. Nesta época, a formação

---

[1] Thaís Valle é advogada, mestranda em Ciências da Religião pela UNICAP. E-mail: thaischianca@gmail.com.
[2] BÍBLIA, A.T. Gênesis, 3,1-24. In BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada Ave-Maria. 28ª ed. Tradução dos Monges de Maredsous (Bélgica). São Paulo: Edição Claretiana, 2000. p. 51.
[3] BÍBLIA, A.T. Gênesis, 12,1-3. In BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada Ave-Maria. 28ª ed. Tradução dos Monges de Maredsous (Bélgica). São Paulo: Edição Claretiana, 2000. p. 58.
[4] BÍBLIA, N.T. Mateus, 1,1-17. In BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada Ave-Maria. 28ª ed. Tradução dos Monges de Maredsous (Bélgica). São Paulo: Edição Claretiana, 2000. p. 1492.

feminina limitava-se aos afazeres domésticos, e as mulheres eram propriedade, do pai e do marido. Exaltavam-se as virtuosas, caseiras e obedientes.

A mulher não participava da vida pública, e, em público, deveria cobrir-se com véu e passar despercebida. Nas sinagogas, havia um lugar específico para as mulheres, que eram afastadas, também, da produção de alimentos, quando em período mensal de impureza.

Neste contexto de completa exclusão social, onde a imagem de Deus adquiria características masculinas e dominadoras, viveu Maria de Nazaré. Explica Ivone Gebara:

> A bem da verdade, não se pode deixar de lembrar que, também para o antigo povo judeu com suas tradições patriarcais rígidas, a consideração da mulher como um ser subalterno fazia parte do ethos cultural vigente. Não se tratava de uma antropologia dualista de estilo platônico, mas de uma sociedade hierarquizada, onde nunca homens e mulheres situavam-se no mesmo pé de igualdade.
>
> A mariologia tradicional fala de Maria em termos femininos, idealizando-a a partir de certas qualidades ditas femininas, porém vistas segundo a ótica masculina. Assim sendo, Maria é 'recuperada' por uma visão antropológico-teológica e passa a justificá-la na medida em que é produto dessa visão. Por isso, Maria, a mãe de Jesus, mãe de Deus, tal como é apresentada pelo mundo androcêntrico e patriarcal, não provoca conflitos, mas ao contrário, fortalece as bases culturais desse mundo, na medida em que se tornou também sua grande Mãe. A partir daí pode-se entender a dificuldade que têm os protagonistas do sistema religioso patriarcal com as releituras da vida de Maria. Isto exigirá uma releitura das próprias bases do sistema patriarcal, visto que tocamos na legitimação de sua maternidade.[5]

Assim, Maria viria a ser destacada em sua virgindade, fertilidade e submissão, e realizar uma mudança no modo de perceber a mulher que ela foi, significa fazer uma releitura do próprio sistema dominante que dessa visão se fortaleceu, e vem se fortalecendo até hoje.

Uma mulher à frente de seu tempo

Maria vivia na pequena aldeia de Nazaré, ao norte da Palestina, em uma sociedade onde ser virgem não significava exatamente uma virtude, uma vez que, além de mulher, era infértil. Mas, não o sê-lo, antes do casamento, possibilitava o

---

[5] GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara L. Maria, mãe de Deus e mãe dos pobres: um ensaio a partir da mulher e da América Latina. Petrópolis: Editora Vozes, 1987. p. 11-12.

rechaçamento pelo noivo, o apedrejamento, e a estigmatização da mulher como *Harufá* (A violada).

A notícia da gravidez precoce de Maria faria com que ela enfrentasse o julgamento da sociedade. Assim, os pais dela afastaram-na temporariamente de sua aldeia, mandando-a para a casa da prima Isabel, conforme diz Mercedes Brancher:

> [...] Maria sozinha e grávida enfrenta os caminhos perigosos da região montanhosa de Judá, para chegar em Ain Karem, lugar onde morava Isabel. A adolescente, Maria de Nazaré da Galileia, é obrigada a deixar sua aldeia, ir para outra região, temporariamente, para se afastar do ambiente difamatório provocado por sua gravidez. [...]
> Maria vai para as montanhas de Judá, em Ain Karem, em busca de refúgio, apoio e proteção na casa de outra mulher. [...] Certamente, quando Maria chegou à casa de Zacarias, sem ter sido atacada por bandidos e assaltantes pelo caminho – prática comum na época – a alegria foi muito grande. Daí o profundo abraço de Maria a Isabel, no encontro! [6]

Recorde-se que o próprio José viria a rejeitar Maria grávida, e apenas aceitaria a referida gravidez quando esta lhe vem a ser explicada pelo anjo[7].

A virgindade em Maria, no entanto, não surge como critério sexual. Assim como o solo era virgem no início dos tempos, Maria é "solo virgem" para a realização do novo Reino de Deus, por meio do que era impotente, e mais desprezado, na sociedade, a mulher virgem.

Contrariando-se esta concepção, o tema é discutido de forma carnal, para viabilizar a condenação pecaminosa da sexualidade feminina, e o domínio do homem sobre a mulher.

Aliás, tomando-se por base a virgindade eterna de Maria, em parâmetros meramente biológicos, as Escrituras chegam a sugerir que ela teria gerado outros filhos, além de Jesus, considerado por Lucas apenas o primogênito[8]. Marcos expõe a existência de irmãs e irmãos de Jesus[9], estes últimos, de nomes conhecidos

---

[6] BRANCHER, Mercedes. Em Maria de Nazaré, Deus se manifesta! In: BRANCHER, Mercedes; DOMEZI, Maria Cecília (orgs.). Maria entre as mulheres: perspectivas de uma Mariologia feminista libertadora. São Leopoldo: CEBI, 2009. p. 66-67.
[7] BÍBLIA, N.T. Mateus, 1,19-25. In BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada Ave-Maria. 28ª ed. Tradução dos Monges de Maredsous (Bélgica). São Paulo: Edição Claretiana, 2000. p. 1285.
[8] BÍBLIA, N.T. Lucas, 2,7. In BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada Ave-Maria. 28ª ed. Tradução dos Monges de Maredsous (Bélgica). São Paulo: Edição Claretiana, 2000. p. 1348.
[9] BÍBLIA, N.T. Marcos, 6,3. In BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada Ave-Maria. 28ª ed. Tradução dos Monges de Maredsous (Bélgica). São Paulo: Edição Claretiana, 2000. p. 1328.

também por Mateus[10], o qual sugere que José apenas não teria se relacionado sexualmente com Maria antes do nascimento de Cristo[11].

Algumas interpretações bíblicas arriscam que, quando o texto menciona irmãos e irmãs de Jesus, estaria se referindo aos discípulos e discípulas dele. João, no entanto, contraria esta ideia, pois trata de uns e outros separadamente, em uma mesma narrativa[12]. Também Gálatas os diferencia em Tiago, que além de apóstolo, era irmão do Senhor[13].

Todavia, o fato de Maria ter ou não se relacionado sexualmente não faz diferença no que ela representa para a comunidade. Mas, para a sociedade patriarcal, é preciso perpetuar a imagem da mulher que se dedicou a servir a Deus, abdicando da própria sexualidade.

Enfim, a vida de Maria não foi fácil. Grávida, ela enfrentou uma viagem de oito a dez dias, em época de chuvas, quando todo parto significava risco de morte e não havia estabelecimento capaz de abrigá-la[14]. Após o parto, tornou-se fugitiva política, enquanto realizava fugas para sair do reino de Herodes[15], e apresentou-se no templo, para restaurar a própria pureza, mediante o pagamento de oferenda[16]. E passou a ser vista em função do Filho.

Nos Evangelhos, as referências a Maria são escassas. Explica Inácio Larrañaga:

> A Bíblia foi escrita dentro de certas formas culturais. Muitas de suas páginas foram escritas numa sociedade patriarcal, em uma atmosfera de preconceito contra a mulher. É um fato conhecido que, tanto no mundo greco-romano como no mundo bíblico, naqueles tempos, a mulher era marginalizada. Nesse contexto, não era de bom tom que um escritor destacasse a atuação brilhante de uma mulher. Se não fosse por esse

---

[10] BÍBLIA, N.T. Mateus, 13,55. In BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada Ave-Maria. 28ª ed. Tradução dos Monges de Maredsous (Bélgica). São Paulo: Edição Claretiana, 2000. p. 1301.
[11] BÍBLIA, N.T. Mateus, 1,24-25. In BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada Ave-Maria. 28ª ed. Tradução dos Monges de Maredsous (Bélgica). São Paulo: Edição Claretiana, 2000. p. 1286.
[12] BÍBLIA, N.T. João, 2,12. In BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada Ave-Maria. 28ª ed. Tradução dos Monges de Maredsous (Bélgica). São Paulo: Edição Claretiana, 2000. p. 1386.
[13] BÍBLIA, N.T. Gálatas, 1,19. In BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada Ave-Maria. 28ª ed. Tradução dos Monges de Maredsous (Bélgica). São Paulo: Edição Claretiana, 2000. p. 1492.
[14] BÍBLIA, N.T. Lucas, 2,1-21. In BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada Ave-Maria. 28ª ed. Tradução dos Monges de Maredsous (Bélgica). São Paulo: Edição Claretiana, 2000. p. 1347-1348.
[15] BÍBLIA, N.T. Mateus, 2,1-12. In BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada Ave-Maria. 28ª ed. Tradução dos Monges de Maredsous (Bélgica). São Paulo: Edição Claretiana, 2000. p. 1285-1286.
[16] BÍBLIA, N.T. Lucas, 2,24. In BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada Ave-Maria. 28ª ed. Tradução dos Monges de Maredsous (Bélgica). São Paulo: Edição Claretiana, 2000. p. 1348.

> preconceito, de quantas maravilhas não nos falaria o livro dos Atos, maravilhas silenciosamente realizadas pela Mãe!...[17]

Observe-se, no entanto, que nas pregações de Cristo, referem-se a ele com desprezo à mãe, enquanto mulher que teria parte nas atitudes "dos filhos"[18]. Observe-se, ainda, que, enquanto questionado, Jesus é o Filho de Maria, mas, para ser exaltado, é o "Filho de Abraão", ainda que não haja relação sanguínea entre Jesus e José, descendente de Abraão[19].

A mãe estava inserida no contexto das animosidades que circundavam o filho, mas não hesitava em sair de casa e permanecer em comunhão com o povo, se descobrindo revelação da participação feminina na experiência comunitária cristã[20]. Ensina Ivone Gebara:

> A Teologia Marial a partir do Reino permite ainda perceber a 'paixão' de Maria pela justiça de Deus e, através dela, recuperar a força do Espírito agindo nas mulheres de todas as épocas mesmo se a história escrita pouco fala dessa ação. É a recuperação da 'memória perigosa' ou 'memória subversiva' capaz de mudar as coisas, pois 'não guarda somente vivas as esperanças e sofrimentos das mulheres cristãs do passado, mas permite que se desenvolva uma solidariedade universal entre todas as mulheres do passado, do presente e do futuro, unidas pela mesma visão de futuro'.
>
> A partir dessa nova visão, não podemos limitar Maria a ser a encantadora mãe de Jesus, mas ela é, acima de tudo, 'operária' na messe do Reino, membro ativo do movimento dos pobres, o mesmo de Jesus de Nazaré.[21]

Maria, de forma ativa e atemporal, recupera a força feminina que age nas mulheres, enquanto capazes de questionar injustiças e mudar seus próprios destinos.

A divindade em Nossa Senhora

O feminino tem importante papel nas religiões não patriarcais. Deusas como Hera, Afrodite, Atena, e Deméter encontram-se relacionadas ao amor, ao

---

[17] LARRAÑAGA, Inácio. O silêncio de Maria. 39ª Ed. São Paulo: Paulina, 2012. p. 31.
[18] BÍBLIA, N.T. Marcos 6,1-4. In BÍBLIA. Português**.** Bíblia Sagrada Ave-Maria. 28ª ed. Tradução dos Monges de Maredsous (Bélgica). São Paulo: Edição Claretiana, 2000. p. 1328.
[19] BÍBLIA, N.T. Mateus 1,1-17. In BÍBLIA. Português**.** Bíblia Sagrada Ave-Maria. 28ª ed. Tradução dos Monges de Maredsous (Bélgica). São Paulo: Edição Claretiana, 2000. p. 1285.
[20] BÍBLIA, N.T. João, 2,12. In BÍBLIA. Português. Bíblia Sagrada Ave-Maria. 28ª ed. Tradução dos Monges de Maredsous (Bélgica). São Paulo: Edição Claretiana, 2000. p. 1386.
[21] GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara L. Maria, mãe de Deus e mãe dos pobres: um ensaio a partir da mulher e da América Latina. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1987. p. 49-50.

sexo, à prole, e às mudanças no mundo. Tais características são também verificadas em Nossa Senhora.

A religiosidade cristã, entretanto, apropriou-se da imagem de Maria como Rainha dos Céus, tornando-a uma mulher escolhida por um Deus masculino, para ser a intercessora dos povos perante este Deus, e seu Filho. Explicam Jennifer e Roger Woolger:

> Outro vestígio da antiga consciência matriarcal da Deusa-Mãe foi transmitido na devoção católica popular da Virgem Maria entre os povos do Mediterrâneo. Quase certamente há uma continuidade psíquica, se não cultural, entre Maria, a Mãe de Deus, as antigas deusas da Grande Mãe no Mediterrâneo e no Oriente Próximo, e a deusa Deméter. Mas embora conheçamos muitas representações medievais de Maria com cereais e flores, ela carece do poder emocional das antigas Mães da Terra e suas filhas.
>
> Como tudo o mais cristão, a Virgem Santíssima foi vítima de um grave afastamento da terra; seu título honorífico, Rainha dos Céus, indica que sua natureza divina era considerada espiritual num sentido "superior" e não ctônico ou terreno. Mesmo assim, estritamente falando, sua condição continuou sendo a de uma mulher escolhida divinamente, não a de uma deusa. Quaisquer ligações com a terra que porventura possa ter tido há muito haviam desaparecido.[22]

Ao contrário do que acontece no culto às deusas, a condição humana de Maria foi interpretada de forma egoística, sob a ótica da sociedade patriarcal. Maria não pode dividir seu amor porque deve ser integralmente a "Mãe da Nação". Neste sentido, Ivone Gebara:

> Maria de Nazaré torna-se mãe da humanidade desde que seu filho único é arrancado de seu convívio pela perseguição, cricifixão e morte ou por vontade de Deus Pai. Ao perdê-lo, segundo a tradição, ela ganha toda a humanidade como filhas e filhos para cuidar. Ela sai de um exclusivismo em relação ao seu filho único e entra numa perspectiva mais universal. Inaugura assim um outro tipo de maternidade que foge dos padrões culturais vividos pelas mulheres, visto que se transforma em mãe divina. Nesse sentido, Maria se distancia igualmente da figura de Eva, a mãe dos viventes, pois esta, de fato, é expressão da condição humana limitada e pecadora. Maria é a mãe e a humanidade idealizada. E, nesse particular, podemos afirmar que ela se torna a resposta ao insaciável desejo, sobretudo masculino de ter alguém que responda sempre às suas necessidades de segurança mantendo hierarquias e evitando certas competições psicológicas que causariam dano à hegemonia do poder patriarcal. Maria torna-se uma figura poderosa, porém submissa ao modelo patriarcal vigente. [...][23]

---

[22] WOOLGER, Jennifer Barker; WOOLGER, Roger J. A deusa interior: um guia sobre os eternos mitos femininos que moldam nossas vidas. São Paulo: Cultrix, 2007. P. 215.

[23] GEBARA, Ivone. Uma leitura feminista da Virgem Maria. In: BRANCHER, Mercedes; DOMEZI, Maria Cecília (orgs.). Maria entre as mulheres: perspectivas de uma Mariologia feminista libertadora. São Leopoldo: CEBI, 2009. p. 20.

Ora, Jesus e Maria rompem juntos com a imagem de uma humanidade que cede às tentações, e se colocam ambos, integralmente, à disposição de Deus. Destarte, enquanto Jesus é exaltado como o próprio Deus que se fez carne, Maria é apenas a boa serva escolhida.

Mas a Rainha dos Céus merece ser muito mais do que a boa serva, é a mulher assunta aos céus, que participa diretamente do mistério trinitário. Destaca Ivone Gebara:

> A assunção de Maria traz, ainda, para a mulher, um novo e promissor futuro. O fato de pertencer ao depósito da fé a afirmação de que uma mulher participa – integral e plenamente – da glória do Deus vivo significa resgatar o corpo feminino de toda a humilhação que sobre ele fez pesar a civilização judaico-cristã.
>
> Proscrita dos ritos de iniciação do judaísmo por sua anatomia, banida da participação plena no culto e na sinagoga por seus ciclos biológicos mensais, a mulher – mesmo no Cristianismo – foi, durante muito tempo, velada ou explicitamente, cidadã de segunda categoria no universo da fé devido à 'inferioridade' e à 'indigência' de seu corpo.
>
> A assunção de Maria restaura e reintegra essa corporeidade feminina no seio do mistério do próprio Deus. A partir de Maria, a mulher tem a dignidade de sua condição reconhecida e assegurada pelo Criador dessa mesma corporeidade. O feminino está, em Jesus Cristo e Maria, respectivamente ressuscitado e assunto aos céus – definitivamente participante da glória do mistério trinitário, do qual tudo procede e ao qual tudo retorna.[24]

Assim, no culto a Nossa Senhora, impende colocar a mulher em condição de igualdade na construção da comunidade, onde homens e mulheres, como Maria e Jesus, caminham juntos. Uma exaltação mariana alheia à ruptura que a figura de Maria representa com o sistema patriarcal ainda vigente é, portanto, uma exaltação vazia, e deve ser condenada.

Considerações finais

Tradicionalmente, a Igreja desenvolveu um culto mariano através da exaltação de uma mulher passiva e maternal, dessexualizada, e vinculada a figuras masculinas.

---

[24] GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara L. Maria, mãe de Deus e mãe dos pobres: um ensaio a partir da mulher e da América Latina. Petrópolis: Editora Vozes Ltda, 1987. p. 138.

Uma mariologia feminista libertadora, por sua vez, exige que as mulheres sejam libertadas desse jugo simbólico que torna Maria um exemplo de conduta a ser adotada, enquanto submissa a uma organização masculina dominadora.

Impende refletir sobre o contexto social no qual as mulheres são inseridas. Maria, revolucionando a estrutura social em que vivia, convida a tod@s, a uma manifestação de fé consciente, evitando venerações vazias que convém somente às nossas estruturas de Poder.

Referências

ALVAREZ, Rodrigo. **Maria**: a biografia da mulher que gerou o homem mais importante da história, viveu um inferno, dividiu os cristãos, conquistou meio mundo e é chamada de Mãe de Deus. 1. ed. São Paulo: Globo, 2015.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada Ave-Maria**. 28. ed. Tradução dos Monges de Maredsous (Bélgica). São Paulo: Edição Claretiana, 2000.

BOFF, Clodovis. **Introdução à mariologia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

_____. **Mariologia Social**: O significado da Virgem para a Sociedade. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. **O cotidiano de Maria de Nazaré**. 2. ed. São Paulo: Editora Salesiana, 2009.

BOFF, Leonardo. **A Ave-Maria**: O feminino e o Espírito Santo. 7. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

_____. **O rosto materno de Deus:** ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas. 9. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

BOFF, Lina. **Como tudo começou com Maria de Nazaré**. 1. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2016.

_____. **Maria na vida do povo:** ensaio de mariologia na ótica latino-americana e caribenha. São Paulo: Paulus, 2001.

BRANCHER, Mercedes; DOMEZI, Maria Cecília (orgs.). **Maria entre as mulheres:** perspectivas de uma Mariologia feminista libertadora. São Leopoldo: CEBI, 2009.

BULFINCH, Thomas. **O livro de ouro da mitologia**: histórias de deuses e heróis. 34. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

ELIADE, Mircea. **História das crenças e das idéias religiosas, volume I:** da Idade da Pedra aos mistérios de Elêusis. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. **História das crenças e das idéias religiosas, volume II:** de Gautama Buda ao triunfo do cristianismo. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

_____. **História das crenças e das idéias religiosas, volume III:** de Maomé à Idade das Reformas. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

FORTE, Bruno. **Maria, a mulher ícone do mistério:** ensaio de mariologia simbólico-narrativa. São Paulo: Paulinas, 1991.

GARCÍA PAREDES, José C. R. **A verdadeira história de Maria:** comentários à *Redemptoris Mater*. 2. ed. São Paulo: AM Edições, 1991.

_____. **Maria, a mulher do reino de Deus**. São Paulo: Editora Ave Maria, 1984.

_____. **Mariología**. 3. ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O livro das religiões**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara L. **Maria, mãe de Deus e mãe dos pobres:** um ensaio a partir da mulher e da América Latina. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

GIORDANI, Igino. **Maria, modelo perfeito de vida interior**. São Paulo: Cidade Nova, 1988.

GONZÁLEZ, Carlos Ignacio. **Maria evangelizada e evangelizadora**. São Paulo: Loyola, 1997.

KRIEGER, Murilo S. R. **Com Maria, a mãe de Jesus**. São Paulo: Paulinas, 2001.

LARRAÑAGA, Inácio**. O silêncio de Maria**. 39. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

MARTÍN, Santiago. **O Evangelho secreto da Virgem Maria**. 24. ed. São Paulo: Publicações Mercuryo Novo Tempo: Paulus, 2012.

MICHEL, Jean-Claude. **Quem és tu, Maria?** 1. ed. São Paulo: AM edições, 1996.

MURAD, Afonso. **Maria, toda de Deus e tão humana:** Compêndio de mariologia. São Paulo: Paulinas: Santuário, 2012.

_____. **Quem é esta mulher?** Maria na Bíblia. São Paulo: Paulinas, 1996.

SANTOS, Bento Silva. **A mãe de Jesus no Novo Testamento**. São Paulo: Editora Santuário, 2000.

SOUSA, Eudoro de. **Mitologia II:** História e mito. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.

TAVARD, George H. **As múltiplas faces da Virgem Maria**. São Paulo: Paulus, 1999.

TREVISAN, Rubens Murillio. **A Era de Maria:** entre o tempo e a eternidade. São Paulo: Loyola, 1999.

WOOLGER, Jennifer Barker; WOOLGER, Roger J. **A deusa interior:** um guia sobre os eternos mitos femininos que moldam nossas vidas. São Paulo: Cultrix, 2007.